

ÓDIO DE OUTRA VIDA (Roberto Arlt)

Tradução e prólogo de Fabio Bortolazzo Pinto. Revisão de tradução de Andrea Cristiane Kahmann e Tiago Bianchi.

Roberto Arlt nasce no bairro de Flores, em Buenos Aires, em 1900, e faz das margens da capital portenha o centro de sua obra. Não apenas as margens geográficas — a periferia, os espaços habitados por imigrantes, o submundo dos fugitivos da lei e dos operários — mas as margens do sistema literário e da linguagem culta de sua época. O suposto desleixo e desrespeito com relação às regras do ‘bem escrever’ o mantém afastado do *establishment* literário e cultural das décadas de 1920 e 1930, período em que escreve e publica suas crônicas, contos, novelas, romances e peças teatrais. A literatura de Roberto Arlt segue um caminho próprio, apartado de um sistema literário repleto de autores eruditos e enciclopédicos — como Leopoldo Lugones e Jorge Luis Borges, para citar dois casos extremos. Pouco afeito ao diálogo com a chamada *alta cultura*, Arlt também não se entrega facilmente a modelos consagrados e familiares do grande público, como é típico da literatura de entretenimento. Ainda que muitas vezes demonstre interesse em alcançar uma gama maior de leitores, a estranheza de sua prosa, a ironia e o gosto pela violência e pelos aspectos mais sombrios da natureza humana não lhe permitem cair no gosto do leitor médio do começo do século XX. Como afirma Ricardo Piglia, em entrevista do final dos anos 1980, Arlt “es demasiado excéntrico para los esquemas del realismo social y demasiado realista para los cánones del esteticismo” (PIGLIA, 1990, p. 29). No entanto, Roberto Arlt é hoje considerado o primeiro grande autor argentino *moderno*; sua obra é o mergulho nas águas turvas da cultura urbana e no caos da modernidade: “Profecia, utopia e tecnologia são três musas um tanto imprevistas deste grande mestre da selvageria moderna” (NESTROVSKI, 1997).

As particularidades dos usos que Arlt faz da língua espanhola talvez sejam a mais evidente das fontes de desconcerto que sua obra proporciona: “Qualquer professora de escola primária, inclusive minha tia Margarita, disse Renzi, pode corrigir uma página de Arlt, mas ninguém é capaz de escrevê-la”, comenta Emilio Renzi, alter-ego de Ricardo Piglia em *Respiração artificial* (1980). O que a ‘tia Margarida’ provavelmente não conseguiria fazer é a transculturação do registro culto da língua e da cultura argentina para o idioma *callejero* falado pela gente dos bairros populares, o espanhol impuro dos imigrantes. Arlt apropria-se do *lunfardo*, do *cocoliche*,²² e os incorpora a um vocabulário proveniente da leitura de traduções pouco criteriosas de romances europeus e norte-americanos, manuais de

²²N. do T. Gírias faladas predominantemente pelos imigrantes italianos que viviam nos cortiços da periferia da capital portenha.

divulgação científica, tratados esotéricos, crônica policial sensacionalista, toda uma sublitteratura que faz parte de sua formação como leitor — registrada no semiautobiográfico romance *El juguete rabioso*, de 1926.

Aos que o acusam de ‘escrever mal’, Arlt responde em várias ocasiões, como em uma de suas *Aguafuertes porteñas*,²³ publicada no jornal *El mundo* do dia 3 de setembro de 1929. Na crônica, intitulada “¿Cómo quieren que les escriba?”, a resposta é dada aos leitores, sem menção aos críticos e escritores da elite portenha que lhe fazem a ressalva:

Y yo tengo esta debilidad: la de creer que el idioma de nuestras calles, el idioma que conversamos usted y yo en el café, en la oficina, en nuestro trato íntimo, es el verdadero. ¿Qué yo hablando de cosas elevadas no debía emplear estos términos? ¿Y por qué no, compañero? Si yo no soy ningún académico. Yo soy un hombre de la calle, de barrio, como usted y como tantos que andan por ahí” (ARLT, 1994. p. 102).

É nesse registro coloquial e híbrido da linguagem que Roberto Arlt escreve os contos reunidos sob o título *El criador de gorilas*. Publicados entre 1937 e 1941 no jornal *El Mundo* e na revista *El Hogar*, esses textos foram agrupados pela primeira vez em volume único e publicados, em 1941, por uma editora chilena. De acordo com Nicasio Perera San Martín, eles expressam “el racismo, el colonialismo occidental, la avaricia de las clases pudientes, y todo ello bajo la capa de un inocente ‘color local’ africano” (PERERA, 1980, p. 92). Todos os contos são ambientados na região do Marrocos, principalmente em Tânger, visitada pelo escritor na década de 1930. A passagem pelo oriente também rende uma série de *Aguafuertes*. Como jornalista, Arlt encarna o *flanêur*, em busca incessante pelo que há de mais típico e insólito no espaço que percorre. Em Buenos Aires ou em Tânger, as cores, os caminhos, os habitantes, as mentalidades e os costumes são descritos pelo filtro de um olhar simultaneamente detalhista e panorâmico, sempre disponível ao espanto.

Odio desde la otra vida é um exemplo típico dos contos orientais de Arlt. A trama, em grande parte, transcorre durante o transe do narrador que, induzido pela droga, volta ao cenário remoto de uma suposta vida passada e se vê como um personagem que poderia fazer parte de uma das narrativas de Sherazade n’as *Mil e uma noites*. Como em vários outros contos de *El criador de gorilas*, os temas da vingança e da traição estão presentes, muitas vezes ligados à figura da mulher fatal, cercada de mistério e carregada de ressentimento. Nesse conto, Lucía, a figura feminina, não chega a ser um personagem: dela sabemos apenas o suficiente para entendê-la como o pivô dos acontecimentos, seja no presente da narrativa, seja no espaço obscuro da lembrança de um passado até então desconhecido pelo próprio protagonista.

²³N. do T. Roberto Arlt deu o título geral de *Aguafuertes* ao extenso conjunto de crônicas que escreveu da segunda metade dos anos 1920 até o final da vida, para diversos jornais e revistas argentinas. Além das *Aguafuertes porteñas*, há as *Aguafuertes españolas* e as *Aguafuertes cariocas*, em que o autor registra suas impressões de viagens à Espanha, Marrocos e Rio de Janeiro.

Até onde foi possível averiguar, não há edição circulante de *O criador de gorilas* no sistema literário brasileiro, e o conto que se lê a seguir talvez seja a primeira tradução para o português. Para respeitar o estilo de Arlt, optou-se por manter certas peculiaridades, como a alternância de pronomes e algumas estruturas frasais que parecem estranhas em uma primeira leitura — nada que prejudique ou comprometa a fluidez da narrativa ou a integralidade de seu conteúdo. Ao longo de todo este processo, de tradução e de revisão, seguiu-se o conselho de Paulo Rónai (1962, p. 48) de não ceder à “tentação diabólica” de fazer uma tradução mais “correta” ou “superior” ao original (seja no estilo ou no registro de linguagem escolhidos pelo autor original). O texto a seguir é, portanto, a recriação, em português brasileiro, da linguagem *callejera* de Roberto Arlt, levando em conta a dupla estrangeiridade presente nesta narrativa que, sendo proveniente da cultura portenha e narrada com toda a sua coloquialidade, transcorre no Marrocos.

Ódio de outra vida

Odio desde la otra vida, o texto considerado fonte para esta tradução está incluso na obra *El criador de gorilas*, citado nas referências ao final. Existe, também, versão disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/odio-desde-la-otra-vida/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Fernando sentia a incômoda mirada do árabe que, sentado às suas costas, em uma mesa no outro extremo do terraço, provavelmente não tirava os olhos de sua nuca. Sem poder mais se conter, levantou-se e, assumindo o risco de passar por demente, parou na frente da mesa do marroquino, e disse:

— Não conheço o senhor. Por que está me olhando?

O árabe pôs-se de pé e, depois de o saudar ritualmente, disse:

— O senhor me perdoe. Me especializei em ciências ocultas e sou um homem extremamente sensível. Estava olhando para suas costas e vendo sobre sua cabeça uma grande nuvem vermelha. Era o Crime. Nesses momentos o senhor estava pensando em matar sua mulher.

O desconhecido acertou. Ele estava pensando em matar sua mulher. O mouro viu o assombro tomar conta do rosto de Fernando e disse:

— Sente-se. Ficarei orgulhoso de estar em sua companhia durante muito tempo.

Fernando se deixou cair melancolicamente na cadeira de palha. Do bar no terraço distinguia, quase a seus pés, as ameias das velhas muralhas do tempo da dominação portuguesa; para além das muralhas, o espelho azul da água da baía se estendia até o horizonte esverdeado. Um transatlântico saía para Gibraltar por uma fileira de boias, enquanto uma voz mourisca, lenta, acompanhada pelo som de um instrumento de cordas, ganhava uma melodia extremamente triste e voluptuosa. Fernando sentiu que um enorme desalento inundava seu coração. A seu lado, o cavaleiro árabe, de modos femininos, vestido com um grande turbante e uma túnica finíssima, reiterou:

— Estava exatamente sobre sua cabeça. Uma nuvem vermelha de fatalidade. Logo, semelhante a uma flor venenosa, surgiu a cabeça de sua mulher. E eu vi, repetidas vezes, que o senhor pensava em matá-la.

Fernando, sem perceber, balançou a cabeça afirmativamente, confirmando o que dizia o desconhecido. O árabe continuou:

— Quando a nuvem vermelha desapareceu, vi uma sala. Junto a uma mesa dourada, estavam duas poltronas revestidas de veludo verde.

Fernando então pensou que não havia nada de inverossímil no fato do árabe saber como era o quarto de Lucía, já que ele fica em frente ao jardim do hotel. Ainda assim, assentiu com a cabeça. Estava aturdido. Nada mais lhe parecia extraordinário ou terrível. O árabe continuou:

— Junto ao senhor, estava sua mulher, com o casaco debaixo do braço — ato contínuo, o misterioso oriental começou a desenhar no mármore da mesa, com um lápis, o rosto da moça.

Fernando via aparecer sobre o mármore o rosto daquela que tanto queria, e isso lhe pareceu, naquele estranho momento, totalmente natural. Poderia estar vivendo um sonho. Talvez estivesse louco. Ou quem sabe o desconhecido fosse um charlatão que o tinha visto com Lucía pela Cashba²⁴. O que o enganador não poderia saber era que ele estava justamente pensando, naquele momento, em matar Lucía.

O árabe prosseguiu:

— O senhor estava sentado na poltrona de veludo verde enquanto ela lhe dizia: “temos que nos separar. Terminar isto. Não podemos continuar assim”. Ela lhe disse isso, e o senhor não respondeu uma palavra. Foi ou não foi o que ela disse?

Fernando assentiu mecanicamente com a cabeça. O árabe tirou do bolso um cigarro e disse:

— O senhor e Lucía se odeiam de outra vida.

— ...

— Vocês vêm se odiando através de uma infinita série de reencarnações.

Fernando examinou o perfil acobreado do homem de turbante e em seguida fixou tristemente os olhos no espelho azul da baía. O transatlântico havia dobrado a ponta do caminho de boias, seu penacho de fumaça se imobilizava no espaço, e uma tremenda tristeza esmagava Fernando na cadeira de palha, enquanto o árabe prosseguia, com aterrorizante naturalidade:

— E o senhor quer morrer porque a ama e a odeia. O ódio entre vocês, porém, é mais forte que o amor. Odeiam-se mortalmente há milhares de anos. E se buscam para se prejudicar e despedaçar. Vocês amam a dor que infligem um no outro, amam o ódio porque nenhum dos dois conseguiria odiar mais perfeitamente outra pessoa da maneira como reciprocamente se odeiam.

²⁴ N. do T. Arlt provavelmente equivoca-se na grafia. *Casbah* — e não *Cashba* — é o nome que se dá a certos bairros muçulmanos, localizados em cidadelas cercadas por muralhas, existentes em várias regiões do norte da África.

Tudo isso era verdade. O homem de djellaba²⁵ prosseguiu:

— Quer ir até minha casa? Posso lhe mostrar o último crime que envolveu o senhor e sua mulher. Ah, perdão por não ter ainda me apresentado. Me chamo Tell Aviv; sou doutor em ciências ocultas.

Fernando compreendeu que não tinha como resistir a nada. Charlatão ou clarividente, o desconhecido havia penetrado até as raízes de seu terrível problema. Fez soar o gongo, e um garoto mourisco, descalço, correu pelas esteiras até a mesa, recebeu o duro “assani”, rápido como um galgo trouxe o troco e, em seguida, Fernando se encontrou debaixo dos toldos das pequenas ruelas, caminhando ao lado de seu misterioso companheiro, que, apesar de trajar uma magnífica djellaba, não se furtava de passar por barracas gordurosas onde cozinhavam peixe dia e noite, barracas de chá verde, onde se amontoavam bestialmente camponeses piolhentos e descalços.

Finalmente chegaram a uma casa apartada em um canto do bairro de Yama el Raisuli.

Tell Aviv levantou a pesada aldrava mourisca e a deixou cair; a porta chaveada como a de uma fortaleza entreabriu-se lentamente, e apareceu um negro de Nedjel²⁶, sombrio e seminu. Inclinou-se frente a seu amo; a porta, então, se abriu, e Fernando cruzou um pátio sombreado de limoeiros com grandes vasos redondos de barro. Tell Aviv abriu uma porta e o convidou a entrar. Estavam agora em um salão com um estrado ao fundo, coberto de almofadas. No centro, uma fonte desfiava seus fios de água. Fernando levantou a cabeça. O teto do aposento era abobadado como o dos salões da Alhambra²⁷. Rios de constelações e de estrelas enfeitavam o céu, entre as nebulosas, e Tell Aviv, fazendo-o sentar em uma almofada, exclamou:

— Que a paz de Alá esteja em teu coração. Que a tua generosidade seja ungida pela doçura do Profeta. Que tuas entranhas se cubram de mel. És um homem justo e valente. Não duvidaste de minha amizade.

E como se estivessem perdidos em uma tenda no deserto, bateu tão rudemente no gongo, que o negro, sobressaltado, apareceu com um punhado de rosas amarelas entre as mãos:

— Rakka, traz o narguilé — e, dirigindo-se a Fernando, explicou — Fumarás agora da boa droga. Ela facilitará tua entrada no plano astral. Permitirá ver os momentos do teu último encontro com aquela que hoje é tua mulher e a continuidade do ódio entre vocês.

²⁵ N. do T. A djellaba, também chamada de jelaba ou darija, é uma vestimenta tradicional marroquina, espécie de bata ou robe com mangas largas e capuz pontudo, usada tanto por homens como por mulheres para se proteger tanto do sol quanto do frio.

²⁶ N. do T. De acordo com M. Letronne em seu *Curso Completo de Geografia Universal Antiga e Moderna*, de 1847, diferente dos geógrafos ocidentais, os árabes dividiam o seu país em determinadas regiões: sendo *Nedjel* a que fica no centro e a oeste de *Hedjaz* (onde está localizada Meca, a cidade sagrada dos muçulmanos, onde teria nascido o profeta Maomé).

²⁷ N. do T. Alhambra é um complexo de palácios de arquitetura islâmica localizado em Granada, na Espanha. Habitado pelos sultões da dinastia Nasrida, a última dinastia muçulmana da Península Ibérica, do século XI até o século XVI.

Alguns minutos depois, Fernando sorvia a fumaça de uma droga de sabor acre como polpa de tamarindo. Ácida e fácil. Seu corpo deslizou definitivamente sobre as almofadas, enquanto sua alma, diligentemente, deslizava através de espessas muralhas de trevas. Apesar da escuridão, ele sabia que se encaminhava para uma paisagem clara e penetrante. Rapidamente se encontrou às margens de um pântano, cheio de flexíveis juncos. Fernando não estava triste nem contente, e observava que toda a vegetação do lugar tinha um relevo violento, uma luminosidade expressiva, como se ali uma árvore fosse duas vezes mais profundamente árvore que na terra.

Para além do pântano se estendia o mar. Um veleiro, com suas grandes velas vermelhas ao vento, se afastava insensivelmente. De repente, Fernando se deteve, surpreso. Estava vestido como um oriental, com uma espécie de toga folgada, estampada com linhas verticais negras e amarelas. Levou a mão ao cinto e ali encontrou uma pederneira.

Um pesado sabre pendia de seu cinturão de couro. À distância, a areia fresca do deserto se estendia até a ribanceira de árvores de um bosque. Fernando se pôs a caminhar melancolicamente e logo se encontrou sob a cúpula de árvores de casca lisa e dura que com a luminosidade pareciam cobertas de escamas de cobre oxidado. Como Tell Aviv havia dito, a paz estava com ele. Ouvia o murmúrio de um rio próximo. Continuou pelo caminho, e uma hora depois, talvez menos, encontrou-se à margem do rio. Seu leito estava semeado de penhascos e suas águas se rompiam nas margens em flechas de cristal. Ao voltar a cabeça, Fernando viu um belo cavalo encilhado, com uma bonita sela de couro trabalhado. Surpreendido, olhou ao redor. Não se via em parte alguma o dono do cavalo, que, imóvel, de pé junto ao rio, olhava a passagem das águas. Fernando se aproximou. Um sobressalto de terror fez com que seu corpo enrijecesse, e rapidamente levou a mão ao alfanje. Perto do cavalo, sobre a areia, via-se uma enorme jiboia completamente adormecida. Seu ventre, coberto de escamas negras e amarelas estava repugnantemente deformado. Pela boca da jiboia saíam os dois pés de um homem. Não havia dúvida. O homem que montava o cavalo, ao chegar ao rio, desmontou, possivelmente para beber, e quando estava inclinado, com a cara sobre a água do rio, a jiboia caiu sobre ele do tronco de uma árvore, triturou-o entre seus anéis e depois o engoliu. Vá saber a quantas horas o cavalo esperava que seu amo saísse do interior do ventre da cobra!

Fernando examinou o fio do sabre — era recente, a lâmina brilhava —, se aproximou da jiboia, imóvel na sonolência pesada da digestão, e levantou o alfanje. Foi um tremendo golpe, que cortou não só a cabeça do réptil como os dois pés do morto. A jiboia decapitada se retorceu violentamente.

Então, Fernando, considerando os arreios e a sela do cavalo, pensou que o homem que tinha sido devorado pela jiboia devia ser um crente digno, alguém que não merecia como tumba o ventre de um monstro. Aproximou-se da jiboia e abriu-lhe o ventre. Em seu interior estava o homem morto. Envolto em um rico manto ensanguentado, com um punhal de cabo de ouro ao cinto. Uma protuberância marcava a parte acima de sua cintura. Fernando descobriu que se tratava de uma bolsa de seda. Abriu, e pela palma de sua mão rolaram diamantes de diversos quilates. Fernando se alegrou. Em seguida, com a ajuda do alfanje,

conseguiu, depois de algumas horas, abrir uma tumba, na qual sepultou o desafortunado desconhecido.

Depois se dirigiu à cidade, cujas muralhas se distinguiam, à distância, ao fundo de uma curva que o rio traçava até as colinas do horizonte.

Seu dia havia sido satisfatório. Não é qualquer filho do Islã que encontra um cavalo na margem de um rio, um homem dentro do ventre de uma jiboia e uma fortuna em pedras preciosas dentro da bolsa do homem. Alá e o Profeta evidentemente lhe protegiam.

As muralhas da cidade não estavam muito distantes. Era possível distinguir suas torres maciças e os sentinelas com pesadas lanças passando por detrás dos merlões.

De repente, por uma das portas principais saiu um grupo de cavaleiros. À frente do grupo ia um homem de barba venerável. Cavalgavam na direção de Fernando. Quando o ancião cruzou com ele, Fernando o saudou, levando a mão à frente, em reverência. Como o ancião não o conhecia, refreou seu potro e pôde observar a montaria de Fernando. Exclamou:

— Irmãos, irmãos, vejam, o cavalo do meu filho!

Os homens que acompanhavam o ancião rodearam ameaçadoramente Fernando, e o ancião prosseguiu:

— Vejam, vejam, é sua sela. Vejam seu nome inscrito ali.

Só então Fernando se deu conta de que efetivamente, em um dos lados da sela estava escrito, em caracteres cúficos²⁸, o possível nome do morto.

— Filho de um cão, de onde tiraste esse cavalo?

Fernando não conseguia pronunciar palavra. As evidências o acusavam. Prontamente o ancião, que o revistava e acabava de o despojar de seu punhal e de seu alfanje ensanguentado, exclamou:

— Irmãos..., irmãos..., vejam a bolsa de diamantes que meu filho traficava...

Foi inútil que Fernando tentasse se explicar. Os homens caíram sobre ele com tal furor, e bateram nele com tanta força, que em poucos minutos perdeu os sentidos. Quando acordou, dolorido, estava no fundo de uma masmorra escura.

Transcorreram assim algumas horas; depois, a porta rangeu, dois escravos negros o tomaram pelos braços e o amarraram as mãos e os pés com pequenos cadeados de bronze. Logo, o obrigaram, a chibatadas, a subir os degraus de pedra da masmorra, a cruzar os negros corredores e depois a entrar em um caminho arenoso. Seu corpo estava ensanguentado. Agora jazia junto a um amontoado de pedras, em um selvático jardim. As palmas e os cedros recortavam o céu celestial com seus leques e suas cúpulas; soou um gongo e pararam de o açoitar. O ancião que o havia encontrado na entrada da cidade apareceu sob uma porta em formato de ferradura na companhia de uma jovem. Ela tinha o rosto descoberto. Fernando exclamou:

— Lucía, Lucía, sou inocente.

Era o rosto de Lucía, sua mulher. Em meio ao sonho, ele havia esquecido que estava em outro século.

²⁸ N. do T. Desenvolvida na cidade de Kufa, na região que hoje corresponde ao Iraque, a caligrafia cúfica é considerada o mais antigo estilo de escrita árabe, utilizada na redação dos primeiros exemplares do Corão.

O ancião apontou para ele, fazendo um sinal para a jovem que era o duplo de Lucía, e disse:

— Filha minha: este homem assassinou teu irmão. Entrego-o a ti para que te vingues dele.

— Sou inocente — exclamou Fernando. Encontrei seu irmão no ventre de uma jiboia. Com os pés pra fora da boca da jiboia. Sepultei-o piedosamente — e Fernando, apesar das amarras, se ajoelhou frente a “Lucía”. Em seguida, com palavras febris, lhe explicou aquele jogo de fatalidades. “Lucía”, rodeada de seus eunucos, o observava com uma impaciente mirada de mulher fria e cruel, com o tormentoso esverdeado do fundo dos olhos. Fernando, de joelhos à sua frente, no jardim mourisco, compreendia que aquele olhar hostil e feroz era a muralha onde se quebravam sempre e sempre suas palavras. “Lucía” o deixou falar, e em seguida, olhando para um eunuco, disse:

— Afcha, jogue-o aos cães.

O escravo correu até o fundo do jardim, retornando em seguida com sete mastins de olhos injetados de sangue e espumando de raiva. Fernando quis se levantar, escapar, clamar outra vez sua inocência. Prontamente sentiu no ombro o calor de uma dentada, um focinho úmido roçou sua bochecha, outros dentes se cravaram em suas pernas e...

O negro de Nedjel lhe alcançou uma xícara de chá; sentado na frente dele, Tell Aviv disse:

— Não me reconheces? Eu sou o criado que na outra vida chamou os cães para te despedaçar.

Fernando esfregou os olhos com a mão. Logo murmurou:

— Tudo isso é estranho e incrivelmente verídico.

Tell Aviv continuou:

— Podes matar Lucía, se quiseres. Entre ela e eu também há uma dívida de outra vida.

— Não. Criaríamos uma conta para a próxima vida.

Tell Aviv insistiu:

— Não te custará nada. Eu o farei como um obséquio a teu caráter generoso.

Fernando voltou a recusar, e, sem saber por que, disse-lhe:

— És mais saudável que o limão e mais saboroso que o mel; mas te peço que não assassines a Lucía. E agora, que a paz de Alá esteja sempre contigo.

E, levantando-se, saiu.

Saiu, com uma inédita sensação de tranquilidade no fundo do coração. Ele não sabia se Tell Aviv era um falsário ou um doutor em magia, a única coisa que sabia era que devia afastar-se de Lucía para sempre. E naquela mesma noite se meteu em um trem que saía para Fez, de lá regressou a Casablanca e de Casablanca um dia veio até Buenos Aires. Aqui o encontrei, e aqui me contou sua história, cujo epílogo foram estas palavras:

— Se não tivesse ido embora para tão longe, creio que mataria Lucía. Aquilo de me jogar aos cães foi demais...

Referências (do prólogo):

ARLT, Roberto. *El criador de gorilas*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1982.

_____. ¿Cómo quieren que les escriba? In: _____. *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires: Losada, 1994.

NESTROVSKI, Arthur. *O mundo selvagem de Roberto Arlt*. Folha de São Paulo, 12 de janeiro de 1997.

PERERA SAN MARTÍN, Nicasio. Distancia y distanciación en *El criador de gorilas*. In: ARLT, Roberto. *Obra completa*. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1980. (pp. 85 — 110)

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y Ficción*. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1990.

_____. *Respiração artificial*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962.